

BIOPOLÍTICA E BIOSOCIABILIDADE NA ESCOLA:

O programa Saúde Escolar

Gladys Mary Ghizoni Teive (UDESC/Florianópolis) - gladysteive@gmail.com

Cristiane de Castro Ramos Abud (Ensino Municipal de Florianópolis/SC) -
nani.castro@bol.com.br

RESUMO:

Este texto tem como objetivo lançar um olhar reflexivo e crítico a respeito do Programa Saúde Escolar, aplicado em escolas da rede pública de ensino de Florianópolis, desde 2007, a partir da proposta do MEC de promoção da saúde na escola, analisando seus discursos, práticas, tecnologias de governo sobre os corpos, moral e comportamento dos alunos. O ensino da higiene nas escolas contribuiu historicamente para a produção de dispositivos de atenção ao cuidado com o asseio, modo de viver, comportar-se e na produção do sujeito saudável e aceitável na sociedade. Tornando-se, portanto, um dispositivo pedagógico da pedagogia da medicalização, que é legitimado através da presença dos médicos na escola que visam a internalização de hábitos de higiene ou no diagnóstico de alunos.

Palavras-chave: Saúde; corpo; disciplina.

BIOPOLITICS BIOSOCIABILIDADE AT SCHOOL: SCHOOL HEALTH PROGRAM

ABSTRACT:

This paper aims to shed a look reflective and critical about the School Health Program, implemented in public schools teaching Florianópolis, since 2007, from the proposal of the MEC for health promotion in schools, analyzing their discourses, practices technologies on government bodies, and morality behavior of students. The teaching of hygiene in schools has historically contributed to the production of devices with careful attention to cleanliness, way of living, behaving and the production of healthy subject and acceptable in society. Becoming thus a pedagogical device pedagogy of medicalization, which is legitimized by the presence of medical school aimed at internalizing hygiene habits or diagnosis of students.

Key- words: Health; body; it disciplines.

DOI: 10.28998/2175-6600.2014v6n12p129

-Lavou as orelhas hoje?

-Lavei o rosto, gaguejei atarantado.

- Perguntei se lavou as orelhas.

- Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas.

(Graciliano Ramos. *Infância*).

Debates em Educação

Era um dia comum de aula em uma escola de Ensino Fundamental de Florianópolis, todos os alunos em suas salas de aula, quando no meio da manhã foi aberto o portão principal e começaram a entrar jovens (homens e mulheres), todos de branco; calça, blusa, sapatos, jalecos, carregavam pranchetas nas mãos e dirigiram-se à sala do Programa Saúde Escolar na escola. São eles médicos, dentistas, psicólogos, oftalmologistas, nutricionistas.

O Programa Saúde Escolar pertence ao Governo Federal junto ao MEC, desenvolvido pela Secretaria da Educação Continuada, alfabetização, diversidade e inclusão. No estado de Santa Catarina é desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação junto às escolas do município em parceria com postos de saúde, centros de atendimento assistenciais, núcleos de acompanhamento a alunos com dificuldades de aprendizagem, que recebem os alunos encaminhados pelas escolas para avaliação, diagnóstico acompanhamento.

O programa tem como preocupações a “promoção, prevenção e atenção à saúde que comprometam o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino” (MEC, 2012, p.1). Neste sentido, analisando seus pressupostos vemos o quanto a escola é importante para práticas preventivas e da educação em saúde, pois conforme o documento do MEC (2012, p.1), “a escola é a área institucional privilegiada deste encontro da educação e da saúde”.

O discurso patológico e higienista na escola tem sua emergência histórica com a constituição do discurso médico na escola firmado a partir do século XIX. Em 1850 no Rio de Janeiro houve algumas tentativas do Estado Brasileiro de controle das epidemias, mas a partir de 1900 que a higiene escolar tem seu maior foco – os alunos das classes populares.

Dentre os pressupostos desta época, estava uma nação civilizada, regenerada, educada, através da medicalização da sociedade. A partir de então, os médicos começam a fazer parte do interior das escolas, iniciando professores com noções de higiene, puericultura, programas de atividades chamados de Saúde Escolar,

Debates em Educação

Desenvolve-se assim toda a normatização da arquitetura e dos equipamentos escolares (mesas, cadeiras, etc.), bem como rotinas de avaliação médica dos alunos, o que incluirá: exames odontológicos, testes de audição, avaliação postural, antropometria, escuta pulmonar e cardíaca, entre outras (ANTONIO & MENDES, s.d., p.8).

O controle dos espaços, utensílios métodos de ensino incluíam as salas de aula, cubagem de ar, mobílias, para evitar qualquer desvio, seja corporal ou comportamental na escola.

Desta forma,

O Estado associado ao discurso médico-higienista, apropriou-se, no início do século XX, do âmbito educacional e das práticas pedagógicas encarnadas no cotidiano escolar, com o objetivo de viabilizar o seu projeto mais amplo de realização do progresso e da modernização nacional a partir da medicalização dos espaços e da higienização/disciplina/controle dos corpos (OLIVEIRA et al, 2012, p.8).

O Programa Saúde Escolar é desenvolvido em Florianópolis nas escolas públicas municipais desde 2007, diferente do cunho assistencialista da década de 40, a saúde faz parte do currículo, ou seja, ganhou um caráter pedagógico, onde os especialistas tais como, dentistas, nutricionistas, etc., participam de projetos junto a docentes para desenvolver práticas de manutenção, controle e avaliação da saúde dos alunos. Além disso, para Souza (1982), a valorização da saúde pelas classes de baixa renda está vinculada às conseqüências sociais da doença, suas relações com a capacidade de trabalho, sendo o corpo o objeto principal de intervenção.

A saúde tornou-se um dispositivo pedagógico que é legitimado através da presença dos médicos na escola para o autocontrole, cuidado de si, dos corpos, com a “consciência sanitária” dos “regimes higiênicos” (FOUCAULT, 2001). Este poder disciplinar está presente no cotidiano das escolas, nos seus espaços, objetos, projetos pedagógicos, currículos, que fabrica gestos, comportamentos, hábitos e códigos aceitos socialmente entre si e com os outros. Através da internalização dos hábitos de

Debates em Educação

higiene quando, por exemplo, os sujeitos se autoconhecem, controlam-se e se autoeducam.

Para que os regimes higiênicos e de saúde não pareçam imposições, acabam por fazer parte do currículo, com caráter educativo, legitimados por uma política, para sua melhor internalização e aceitação, pois uma das preocupações do Programa Saúde Escolar é consolidar a melhoria da qualidade de vida da população brasileira e consolidar essa atitude dentro da escola, “as ações do Programa Saúde Escolar devem estar pactuadas no projeto político-pedagógico das escolas” (MEC, 2012, p.1).

Atualmente, nas escolas de Florianópolis, são feitos encaminhamentos de alunos a fonoaudiólogos, oculistas, psicólogos, psicopedagogos, dentistas, etc., que prescrevem receitas médicas, diagnósticos, a alunos das escolas da rede municipal. Sabemos que muitas vezes, essa é a única oportunidade para essas crianças de tratamento ou auxílio, mas nosso foco de análise aqui é o investimento médico sobre os corpos, no seu biológico, fisiológico, psicológico, uma anatomia corporal prescrita pelo exame e tecnologias pedagógicas, ou seja, governo dos indivíduos, das almas, de si, das famílias.

O diagnóstico faz parte da patologização da educação, nomear, classificar, distúrbios patológicos, déficits, para medicalizar e justificar o fracasso escolar, é preciso nomeá-los e adivinhá-los de algum modo,

Pois sobram os catálogos, as prescrições, os médicos, as anamneses. Porque estão demais os manuais, as classificações, os escalpelos, as avaliações. Pois há um excesso ortopédico de instituições, ateneus, seminários, tertúlias, congressos e especialistas. Porque já existem demasiadas hiperatividades, agramatismos, dislexias, psicoses, problemas de aprendizagem, ritmos de aprendizagem, deficiências de aprendizagem, gagueiras, autismos, retardos, atrasos, esquizofrenias, síndromes, sintomas, quadros clínicos, etc (SKLIAR, 2003, p.153).

Essas práticas têm dimensões políticas e históricas desde a criação do Ministério da Educação em 1930, com a exclusão em nome da defesa da importância médica na escola,

Debates em Educação

Nos documentos oficiais, na imprensa, nos relatórios e pareceres dos especialistas vai-se constituindo um vasto rol de termos infamantes para designar os pobres: degenerados, anormais, marginais, vadios, viciados, desocupados (PATTO, 1999, p.143).

Assim, psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, entre outros profissionais, fazem parte desta gama de especialistas que patologizam as dificuldades de escolarização, principalmente das classes populares. Aquele que é considerado “desviante” ou “anormal” se vê obrigado a passar por técnicas de disciplinamento, investimentos médicos, análise, medidas para sua “regeneração” ou “aceitação”.

O projeto Semana Saúde na Escola 2013, do MEC elenca algumas das ações do Programa Saúde Escolar desde creches a escolas de Ensino Fundamental e Médio:

Essenciais:

- 1 – Avaliação antropométrica .
- 2 - Sondagem da realização do teste do olhinho (teste do reflexo vermelho).

Optativas:

- 1 - Ações de segurança alimentar e promoção da alimentação saudável.
- 2 - Criação de grupos intersetoriais de discussão de ações de saúde mental no contexto escolar, em articulação com o grupo intersetorial municipal.
- 3 - Saúde e prevenção nas Escolas (SPE): prevenção ao uso de álcool e tabaco e outras drogas.
- 4 - Promoção das práticas corporais e atividade física e lazer nas escolas. (PSE/MEC, 2013).

O preenchimento de fichas e relatórios de atendimentos a alunos evidenciam o quanto, os detalhes e as minúcias da anatomia corporal devem ser tratados, o saber lavar os cabelos, aplicar xampu contra piolhos, escovar os dentes corretamente, saber sentar-se na cadeira em classe, portar-se no refeitório; contemplam a biopolítica da sociedade perfeita, através da regulação do corpo social.

Debates em Educação

Foucault (2004) chama de biopolítica o controle da vida, dos indivíduos e da população pelas práticas governamentais, tecnologias sociais que visam controlar a sociedade, a higiene, a natalidade, a longevidade, o sexo, etc.; visando a medicalização e a normalização; culminando no ato da disciplina na produção de corpos dóceis e submissos.

Ao analisar e medicar a vida, os órgãos, a utopia da biopolítica da saúde perfeita, chega às escolas através dos de análises nutricionais, antropométricas, etc. A dietética, os padrões corporais, nutricionais aceitáveis, são medidos na escola com auxílio de balanças e fitas métricas. Esses números estabelecidos dentro também de padrões estéticos e culturais, ultrapassam os muros da escola. O controle do corpo, além de médico, técnico passa a ser político e moral,

O automelhoramento individual autodisciplinado na procura da saúde e perfeição corporal tornou-se a forma dos indivíduos exprimirem a sua capacidade de agência a autonomia em conformidade com as demandas do mundo competitivo (ORTEGA, 2003, p.91).

A autoconsciência do ser saudável pelo cuidado e controle do corpo, tornou-se a utopia apolítica da nova sociedade, o importante é estar em boa saúde, “argumentos científicos constituem formas de poder-saber legitimadoras das representações que povoam o imaginário social e que redimensionam os conceitos de saúde, doença e corpo são” (LUCAS & HOOF, 2006, p.83).

Neste sentido a biossociabilidade (ORTEGA, 2003, p.18) com seus parâmetros e critérios seletivos impõem regimes e cardápios alimentares em nome da melhor condição física. O controle do corpo passa pelo físico, pela moral e pelo cultural, formando um sujeito que se autocontrola, autovigia e autogoverna. Essa nova nomenclatura sobre o corpo determina padrões, taxas, (in) capacidades, escores, que colocam o indivíduo em um determinado patamar.

Nessa cultura da biossociabilidade, criam-se modelos ideais de sujeito baseados na performance física e estabelecem-se novos parâmetros de mérito e reconhecimento, novos valores, com base

Debates em Educação

em regras higiênicas e regimes de ocupação do tempo (ORTEGA, 2003, p.18).

O ensino da higiene nas escolas contribuiu para a produção de dispositivos de atenção ao cuidado com o asseio, modo de viver, comportar-se e na produção do sujeito saudável e aceitável na sociedade, “o resultado é a constituição de um indivíduo responsável que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida a procura da saúde e do corpo perfeito e os desvio aos riscos” (ORTEGA, 2004, p.4).

O sujeito/aluno se constitui a partir dessas técnicas e táticas de disciplinamento do corpo, códigos de comportamento e refinamento da higiene, produzindo verdades sobre si,

(...) resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade (LARROSA, 1994, p.43).

Essa busca pelo autoconhecimento, saberes sobre si, a autodisciplina relacionados aos saberes médicos e culturais, produzem técnicas de si, ou seja, procedimentos que fixam identidades e um “domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si” (FOUCAULT, 1997, p.109), essa internalização compõe a preocupação contemporânea com a saúde pela sociedade.

Essas práticas de conduta repetidas submetem o sujeito e sua identidade, capturam seu corpo. O corpo é entendido, também, como expressão e materialização de uma condição social e de um *habitus* traduzido na forma de posturas corporais, gestos e investimentos na sua produção, que denunciam uma determinada posição social. Neste sentido, o corpo é concebido como um signo social na medida em que, a partir dele, proliferam-se técnicas corporais de determinados grupos sociais.

Debates em Educação

Sendo assim, ele passa a pertencer ao campo da cultura, ou seja, o corpo e a corporeidade serão tratados como constructos sociais, atravessados por intermédios culturais, políticos, econômicos e sociais transitórios.

A partir desse olhar, o corpo está sempre sendo (re)inventado, e todas as marcas que se inscrevem ou se constroem em torno dele, seja nas artes, na medicina, na mídia, etc., são sempre provisórias. As rupturas e/ou permanências são características de cada época, cultura ou grupo social, governo e religião. Como caracteriza Sant'Anna (2000, p.237), “da medicina dos humores à biotecnologia contemporânea, passando pela invenção de regimes, cirurgias, cosméticos e técnicas disciplinares, o conhecimento do corpo é, por excelência, histórico, relacionado aos receios e sonhos” – localizado em períodos determinados na história.

É no corpo que marcas e símbolos culturais são inscritos e funcionam como modos de classificar, agrupar, ordenar, qualificar, diferenciar etc. Essas marcas posicionam de diferentes modos os sujeitos na escala social, determinando quem pertence ou não a certas classificações de corpo: magro, alto, belo, branco, jovem, heterossexual, saudável, entre outros. Esses marcadores identitários não são fixos ou estáveis, são objetos de contínua construção que nos interpelam e marcam constantemente.

A inserção do corpo nessa rede de saberes que falam sobre ele estabelece, sempre, novas relações de poder. O poder, entendido na perspectiva foucaultiana, tem funcionado como um organizador de sistemas de classificação sejam eles sociais, políticos, econômicos, contribuindo para que cada um(a) ocupe seu diverso lugar e nas representações que estão em jogo.

O corpo, a sociedade, a alma, a vida, são constituídos por lutas, disputas imbricadas em relações de poder, “lutas pelo direito à vida, à saúde, ao corpo, à higiene, ao bem-estar e à satisfação das necessidades” (ORTEGA, 2004, p.5).

Para Foucault (1995), não há poder sem possibilidade de fuga, escapatória ou resistência, pois o seu exercício envolve a liberdade de outras ações, o investimento do

Debates em Educação

ponto de apoio pelo poder de, ao ter outras possibilidades, necessita ser acometido pelo mesmo. O poder atravessa, investe, passa pelos sujeitos modificando-os. E, da mesma forma, as resistências se encontram pulverizadas em vários lugares por toda a relação de poder e não de forma exterior a ela.

Portanto, entende-se que as tentativas de investimentos disciplinares aqui analisados, referem-se à escola e suas práticas pedagógicas com relação à saúde escolar de seus alunos. Sendo que as essas práticas também têm possibilidades de escape ou transgressão, seja pela reflexão do debate aqui estabelecido, pelas resistências ou questionamentos na escola junto à comunidade escolar.

Referências

ANTONIO, Maria Ângela G. & MENDES, Roberto Teixeira. Saúde escolar e saúde do escolar. In:

http://www.fef.unicamp.br/departamentos/deafa/qvaf/livros/alimen_saudavel_ql_af/estrategias/estrategias_cap1.pdf. capturado em outubro de 2012. 8p.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do collège de France (1970-192)**. Trad. André Daher. RJ: Zahar, 1997.

_____. **Naissance de La Biopolitique**. Paris: Gallimard/Seuil. 2004.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul (org.).

Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. RJ: Forense, 1995.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 2001. 14. Ed. Rio de Janeiro, Graal.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu educação. IN: SILVA, Tomaz T. (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: VOZES, 1994. p.35-86.

LUCAS, Luciane & HOOFF, Tânia. Da ortopedia ao controle do corpo: o discurso da saúde na publicidade. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, vol3, n.6, 2006. p. 81-104.

Debates em Educação

OLIVEIRA, Iranilson B. et. al. A ordem antes do progresso: o discurso médico-higienista e a educação dos corpos no Brasil do século XX. **Revista de História e Estudos Culturais Fênix**, vol.09, ano IX n.1, 2012, p.1-15.

ORTEGA, Francisco. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface-Comunic., Saúde , Educ.**,v.08,n,14,p.09-20.set,2003/2004.

PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estudos Av.** 1999;35 (13):167-198.

MEC/BRASIL. PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br>.

SANT'ANNA, Denise B. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**, Campinas, N.14, 2000. p. 235-249

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? RJ: DP&A, 2003.

SOUZA, Lúcia. A saúde e a doença no dia a dia do povo. **Cadernos do CEAS**, Salvador, (77): 18-29, jan/fev., 1982.

Sites consultados:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18497&Itemid=1211.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16796&Itemid=1128.

http://portal.saude.gov.br/portal/saude/Gestor/visualizar_texto.cfm?idtxt=38074&janela=1.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16796&Itemid=1127.